



RECIFE, 17 A 22 DE ABRIL DE 2016

11º SEMINÁRIO DO COMOMOMO_BR

O CAMPO AMPLIADO DO MOVIMENTO MODERNO

DOCOMOMO.ORG.BR/SEMINARIO2016

do.co.mo.mo_br

REGIONALISMO COMO ALTERIDADE: DA AMÉRICA LATINA AO NORDESTE DO BRASIL, REFLEXÕES SOBRE A HISTORIOGRAFIA DA ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA ¹

REGIONALISM AS OTHERNESS: LATIN AMERICA TO NORTHEAST BRAZIL, REFLECTIONS ON THE HISTORIOGRAPHY OF BRAZILIAN MODERN ARCHITECTURE

Guilah Naslavsky

Profa. Adjunto DAU/UFPE/MDU

Professora do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano

Professora visitante na Escola de Arquitetura da Universidade de Texas-Austin. SOAUT guilahn@uol.com.br

Fernando Luiz Lara

Professor Associado da Escola de Arquitetura da Universidade do Texas-Austin. SOAUT

Ex-coordenador do *Brazil Center* no *Lozano Long Institute of Latin American Studies* (2012-2015). Autor de vários livros e centenas de artigos sobre a espaço construído na América Latina e da primeira publicação abrangente sobre Arquitetura Moderna na América Latina (2015)

fernandolara@utexas.edu

Resumo

Nesse texto os autores abordam como o conceito de regionalismo foi usado pela historiografia da arquitetura como uma estratégia capaz de reforçar o jogo de alteridade, para tal autores exploram os textos clássicos sobre alteridade, regionalismo na arquitetura, e explicam como essa noção de alteridade permanece na historiografia da arquitetura seja para diminuir a arquitetura da América Latina, seja para excluir as realizações do Nordeste brasileiro.

Palavras chave: Regionalismo. Arquitetura. Nordeste brasileiro.

Abstract

¹ NASLAVSKY, Guilah; LARA, Fernando. Regionalismo como alteridade: da América Latina ao Nordeste do Brasil, reflexões sobre a historiografia da arquitetura moderna brasileira. In: 11º.SEMINÁRIO DO DOCOMOMO BRASIL. Anais... Recife: DOCOMOMO_BR, 2016. Pp.1-9.

In this text the authors discuss how regionalism concept in architectural historiography was used as a strategy to strengthen the otherness game, to such, authors explore the classic texts of otherness, of regionalism in architecture, and explain how this notion of otherness remains in architectural historiography whether to dwarf Latin America architecture or to exclude Brazilian Northeast achievements.

Key-words: Regionalism. Architecture. Brazilian Northeast

INTRODUÇÃO

Estudiosos usam o clássico texto “Orientalismo” de Edward Said, como referência nos estudos de alteridade. Ao definir o “oriental”, na realidade, a Europa define a si mesma como “melhor que o oriente”. Edmundo O’Gorman, historiador mexicano, demonstrou usando a cartografia como fonte primária principal que o encontro de 1492 forçou a modernização da Europa e não o contrário. Escrito em espanhol 30 anos antes de “Orientalismo”, “La Invención de America” (1946) não alcançou a mesma repercussão do texto em inglês de Said, que ficou com os créditos, evidenciando como funciona o jogo de alteridade. Recentemente o conceito de invenção da América Latina foi recuperado pelos autores contemporâneos Walter Mignolo e Eduardo Dussel, que discutem como a Europa Ocidental e EUA usam a ideia de América Latina como alteridade, afirmando a hegemonia do hemisfério norte ocidental (Otacentrismo segundo LARA, 2015).

Durval Albuquerque Jr. (2009) em “A invenção do Nordeste”, afirma que Nordeste foi um “*conceito gestado no âmbito da cultura brasileira - recortado como um campo de estudos e produção cultural, baseado numa pseudo-unidade cultural, geográfica e étnica (...) invenção não apenas nortista, mas em grande parte, do Sul, de seus intelectuais que disputam com os intelectuais nortistas a hegemonia no interior do discurso histórico e sociológico*”. (2009: 32-3). A historiografia da arquitetura moderna brasileira tem o hábito analítico de considerar nacional a produção paulista e carioca; enquanto todas as demais são classificadas como regionais.” (MARQUES; NASLAVSKY, 2009). Para superar a dificuldade de classificar as produções regionais, devido à diversidade da arquitetura moderna brasileira, Segawa (1998) utiliza o conceito de outras modernidades regionais, fruto da atuação de arquitetos peregrinos, nômades e migrantes. Ainda que não explicita um juízo de valor, o conceito de regionalismo não oferece atributo analítico válido além da definição geográfica da obra.

Em Brasil: arquiteturas após 1950 (2011), Bastos e Zein ampliaram o recorte temporal para a segunda metade do século XX, e contemplaram obras de regiões fora do eixo Rio-São Paulo (Nordeste, Norte, Sul e Centro-Oeste); mas mantiveram a estrutura historiográfica de filiação aos grupos carioca e/ou paulista. Ao eleger como principal fio condutor o brutalismo paulista, as autoras desconsideraram a produção da região Nordeste, que permanece periférica, (NASLAVSKY, 2014) quando não ignorada - a pior forma de exclusão segundo Marina Waisman (2013). Situação semelhante ocorre na América Latina onde “a falta de integração resulta em capítulos acrescentados (...) como se obras, projetos e ideias geradas na América Latina não fizessem parte do desenvolvimento geral da arquitetura moderna (LIERNUR, 2015). Na recente mostra do MoMA, em Nova York, *Latin American in Construction 1955-1980*, paulistas e cariocas se alternam no texto *The Poetics on Development: Notes on Two Brazilian Schools* (COMAS, 2015); nessa mostra, com exceção das cidades de Salvador e Paranoá, ambas na Bahia, nenhuma referência ao Norte e/ou Nordeste anteriormente contemplados com aparições pontuais em coletâneas nacionais: Goodwin, (1943); Mindlin, (1956), Yves Bruand (1981), e Ficher & Acayaba (1983).

1 TECENDO UMA ÁRVORE

Na todo-poderosa Inglaterra da última década do século 19 os Banister Fletcher (pai e filho de mesmo nome) publicaram *A History of Architecture on the Comparative Method*. Neste livro clássico havia uma ilustração que veio se tornar referência para muitas gerações seguintes: a árvore da arquitetura. Nesta árvore estão catalogados os estilos arquitetônicos, da antiguidade até o momento da publicação (1896). Nas raízes da árvore estão as disciplinas afins que determinam a arquitetura: geografia, geologia, clima, religião, sociologia e história. Nos ramos estão todos os estilos tratados pelos historiadores, a antiguidade chinesa, indiana e mexicana; o gótico italiano, inglês e espanhol; a renascença belga, italiana a francesa, e por aí vai. Interessa para nossa análise olhar com atenção para o tronco da árvore onde estão as arquiteturas grega, romana, romanesca e bem acima como uma flor a arquitetura norte-americana (chamada apenas de americana no bom estilo anglo-saxão). Escrever sobre arquitetura moderna na América Latina, mais especificamente no Nordeste brasileiro implica perceber que esta árvore é na verdade uma narrativa construída a posteriori. O que existe, bem ao gosto de Foucault e Lacan são ramos e cipós que crescem de acordo com as condições do solo (contexto local) se apoiando em estruturas conceituais existentes. Historicizar a Arquitetura Moderna implica então desmontar narrativas nacionais para tecer algo novo. Não para impor um tronco como os Banister Fletcher fizeram, nem muito menos para negar as importantes influências europeias e em menor grau as norte-americanas, mas para propor um mapa mais completo que nos ajude a navegar a rica experiência de modernidade americana entre os paralelos 30 Norte e 60 Sul.

2 REGIONALISMOS

Na última década, vários estudiosos dedicaram-se ao tema do regionalismo na arquitetura: Canizaro, (ed.) (2007) *Architectural Regionalism Collected Writings on Place, Identity, Modernity and Tradition*; Lefavre e Tzonis (2012), *Architecture of Regionalism in the age of Globalization, 2012*; Meganck, Van Santvoort, De Mayer, (eds), (2013). *Regionalism and Modernity, Architecture in Western Europe 1914-1940*; Storm (2010), *The Culture of Regionalism*. Outros estudos mais recentes identificam estruturas teóricas capazes de enfrentar a questão Botz-Bronstein (2015), *Transcultural Architecture: the limits and opportunities of critical regionalism*.

Não obstante os autores divirjam nas opiniões, posturas, métodos, resultados, localizações e procedências, uma questão fica clara, o tema desperta o interesse no debate contemporâneo quando cada vez mais nos defrontamos com ausência de instrumentos adequados para análise e crítica da arquitetura contemporânea. O próprio subtítulo deste XI Seminário Docomomo: O Campo Ampliado do Movimento Moderno, explicita este renovado interesse.

Lewis Mumford, um dos principais teóricos do regionalismo na arquitetura, afirmou em *South in Architecture* (1941) que “o regional é identificado com o **rude**, o primitivo e o puramente **local**. Isso é um erro sério. Uma vez que a adaptação da cultura a um determinado local é um longo e complicado processo, a maturação de um caráter regional é o último a surgir (...) Regionalismo não é uma questão de utilizar o material local mais disponível, ou copiar alguma forma simples de construção que nossos antepassados utilizaram, por ser a melhor, há um ou dois séculos atrás. Formas regionais são as que melhor satisfazem as condições reais de vida e as que são mais bem-sucedidas em fazer as pessoas se sentirem em casa no seu ambiente, elas não apenas utilizam o solo mas eles refletem as condições correntes da cultura na região.” (grifo nosso).²

² Do original em inglês “the regional is identified with the **rough**, the **primitive**, the **purely local**. That is a **serious mistake**. Since the adaptation of a culture to a particular environment is a long, complicated process, a full blown regional character is the last to emerge” (...) Regionalism is not a matter of using the most available local material, or of copying some simple form of construction that our ancestors used, for want of anything better, a century or two ago. Regional forms are those which

Mumford propôs uma estrutura analítica capaz de entender o regionalismo. Não obstante seus escritos sobre a arquitetura do Sul dos Estados Unidos carreguem a noção de alteridade: "*existem dois elementos em toda arquitetura, na verdade, em toda expressão estética ou cultural. Um deles é o local, o tempo-limite, aquele que se adapta às capacidades e circunstâncias humanas especiais, que pertence a um determinado povo e um determinado solo e um conjunto particular de instituições econômicas e políticas. Vamos chamar este o elemento **regional**, embora se deva, naturalmente, incluir neste termo muito mais do que as características puramente geográficas. O outro elemento é o **universal**; esse elemento transpassa limites e fronteiras; transcende o local, o limite, a prática (...) sem a existência desse elemento universal, que normalmente atinge a sua maior e mais ampla expressão na religião, a humanidade ainda viveria apenas no bruto nível dos impulsos imediatos, sensações, hábitos; e haveria um profundo abismo intransponível entre os povos da terra*".³

Para Mumford "*toda cultura regional tem necessariamente uma ideia universal intrínseca a ela. (...) Mas o drama de centros de desenvolvimento humanos deriva, em parte, desta tensão entre o regional e o universal. Como com um ser humano, cada cultura precisa ser ela mesma e transcender a si própria; ela deve aproveitar ao máximo as suas limitações e deve ir além delas; deve ser aberta a novas experiências e ainda deve manter a sua integridade. Em nenhuma outra arte esse processo é mais agudo do que na arquitetura*".⁴

Não obstante Mumford não aborde especificamente a **América Latina** ou tampouco o **Brasil**, seus escritos e seu pensamento ecoaram no principal teórico sobre o tema: o sociólogo Gilberto Freyre.⁵

Gilberto Freyre foi um dos principais defensores do Regionalismo no Nordeste Brasileiro, tendo fundado o Centro Regionalista do Nordeste (1924), organizado o Primeiro Congresso Regionalista (1926), e o Livro Regionalista do Nordeste. Nos anos 20 os escritos de Gilberto Freyre apontam suas preocupações com o rápido crescimento da cidade, a europeização do velho Recife, e os francesismos dos edifícios construídos na cidade após a Reforma do Porto, destruindo o tecido do período colonial. Freyre, Bandeira e outros intelectuais manifestaram-se contra essas reformas. Embora Freyre não se refira especificamente a arquitetura moderna, para ele a resposta aos estrangeirismos era o "colonial novo", uma arquitetura com identidade regional, uma arquitetura vernacular. Freyre estava preocupado com a descaracterização da cidade pelo rápido crescimento, assim como vários outros intelectuais da época, que escreviam no jornal *A Província* coordenado por ele. Regionalismo, Nordeste como região e cultura brasileira são defendidos veementemente nas folhas do jornal *A Província* do qual era o editor nos anos 20. (NASLAVSKY, 1998).

most meet the actual conditions of life and which most fully succeed in making a people feel at home in their environment they do not merely utilize the soil but they reflect the current conditions of culture in the region." (grifo nosso).

³ Do original em inglês "*Now there are two elements in every architecture, indeed in every esthetic or cultural expression. One of them is the local, the time-bound, that which adapts itself to special human capacities and circumstances, that belongs to a particular people and a particular soil and a particular set of economic and political institutions. Let us call this the regional element, though one must of course include in this term far more than the purely geographic characteristics. The other element is the universal; this element passes over boundaries and frontiers; it transcends the local, the limited, the practical (...) Without the existence of that universal element, which usually reaches its highest and widest expression in religion, mankind would still live only at the brute level of immediate impulses, sensations, habits; and there would be a deep unbridgeable gulf between the peoples of the earth.*" . (MUMFORD, 1941).

⁴Do original em inglês "*This is another way of saying that every regional culture necessarily has a universal idea to it. It is steadily that every open to influences which come from other parts of the world, and from other cultures, separated from the local region in space or time or both together. (...) But the drama of human development centers in part on this tension between the regional and the universal. As with a human being, every culture must both be itself and transcend itself; it must make the most of its limitation and must pass beyond them; it must be open to fresh experience and yet must maintain its integrity. In no other art is that process more sharply focused than in architecture.*" (MUMFORD, 1941).

⁵ Freyre estudara nos EUA entre 1918-1923, bacharelado em Artes Liberais, com especialização em Ciências Políticas e Sociais, na Universidade de Baylor, em Waco, Texas e, mestrado e doutorado em Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais, na Universidade de Columbia.

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar./index.php?option=com_content&view=article&id=272&Itemid=1

Uma das maiores preocupações de Freyre era a ideia de que a batalha entre o antigo e o novo nunca está vencida *“the idea that struggle between old and new is never won.”* Lewis Mumford foi seu guia, ele estava preocupado com o rápido crescimento do Recife e interessado em políticas que promovessem um equilíbrio entre cidade e campo (BURKE e PALLARES-BURKE, 2008).

Tanto Mumford como Freyre pensaram em termos de polaridades: Mumford propôs uma estrutura metodológica para explicar a arquitetura do Sul dos Estados Unidos; Freyre através de binários opostos, mas também mediações, utilizou o Oriente e o Ocidente como um dos principais contrastes.

Freyre empregou a diferença entre Oriente e Ocidente, tal como fizera Said (1978), não para descrever o Oriente, mas para descrever o Brasil. Uma vez que seu ponto era estabelecer conexões (notando a influência da cultura islâmica nos Portugueses, por exemplo) ele estava deliberadamente minando o binário de oposição entre Oriente e Ocidente. Sua procura por mediações entre opostos foi revelada no seu rico vocabulário para descrever tais mediações, incluindo acomodação, aculturação, adaptação, ajuste, assimilação, compromisso, conciliação(...) transculturação e é claro hibridização⁶ *“Pensando como de costume em termos de hibridismo, analisou, como recomendado uma mistura ou compromisso entre o rural e urbano, como fez entre regional e nacional, tradicional e moderna.”*⁷ (BURKE e PALLARES-BURKE, 2008).

Em *Região e Tradição*, Gilberto Freyre descreve e celebra cultura do Nordeste como a cultura popular (culinária, folclore, arquitetura vernácula).

Como afirma Albuquerque Jr. (2009), o **Nordeste** foi uma invenção de seus intelectuais gestado e instituído na obra sociológica de Gilberto Freyre, *“foi gestado como o espaço da saudade, dos tempos de glória, saudades do engenho, da sinhá, do sinhô, da Nega Fulô, do sertão e do sertanejo puro e natural, força telúrica da região. (...) esses Nordestes, construídos pelo avesso, ficam presos, no entanto aos mesmos temas, imagens e enunciados consagrados e cristalizados pelos discursos tradicionalistas. Aprofunda de certa forma a própria elaboração regional, feita pelos discursos tradicionalistas, que haviam escolhido o lugar de vítimas, de coitadinhos de pendentes, de injustiçados, para ocuparem nacionalmente. Estes “revolucionários” ajudam os reacionários a consagrarem uma dada imagem e um texto da região, que se impõem, até hoje, como verdade; a visibilidade e uma dizibilidade das quais pouco, como só tropicalistas, conseguiram fugir.”*

Analogamente a estrutura binária construída por Lewis Mumford para explicar a arquitetura do Sul dos Estados Unidos; Gilberto Freyre utiliza as polaridades e mediações para explicar o Nordeste- local do regional.

Essa estrutura teórica-metodológica baseada em oposições binárias: regional x universal; artesanal x industrial; pobre x rico; rural x urbano ecoa na historiografia da arquitetura moderna nacional que define o Nordeste como o local da alteridade em relação ao Sudeste, assim como o fizera Mumford analogamente para o Sul dos Estados Unidos e Edward Said em *Orientalismo*.

Outras oposições binárias são utilizadas: tropical x subtropical/temperado, o que parece uma farsa, uma vez que a arquitetura moderna brasileira foi reconhecida justamente pelas soluções adequadas ao clima tropical muitas delas concebidas no próprio Nordeste. Em que aspectos trópicos e tropicalismo são novas facetas do jogo de alteridade.

⁶ Do original em inglês (*his search for mediations between opposites and revealed in his rich vocabulary for describing such mediations, including accommodation, acculturation, adaptation adjustment assimilation, compromise, conciliation (...) transculturation and of course hybridization*) (Burke and Pallares-Burke, 2008).

⁷ *Thinking as usual in terms of hybridity, he analyzed as well as recommended a mixture or compromise between urban and rural, as he did between regional and national, traditional and modern.*

3 DA AMÉRICA LATINA AO NORDESTE BRASILEIRO

O conceito de regionalismo crítico proposto por Liane Lefavre e Tzonis Alexander (1981) e amplamente divulgado por Kenneth Frampton (1983) como uma forma de *resistência* ao universalismo moderno foi muito criticado nos Seminários de Arquitetura Latino-americana (SAL). Marina Waisman (1994) prefere a divergência: *“Divergir é desenvolver, a partir daquilo que se é, aquilo que se pode chegar a ser. Provavelmente, a diferença entre essas duas interpretações provém da diferença de origem de seus defensores: a partir do centro, as margens não podem ser vistas como geradoras de projetos, mas apenas, talvez, como refúgio.* (Waisman, In: Hernández, 2001).

Nas palavras de Waisman (1994): *“a substituição dos conceitos de periferia ou de margem pelo de região,(...) permitiu que arquitetos, críticos, historiadores dirigissem um novo olhar para as arquiteturas latino-americanas, mais construtivo e original à própria história, re-situando episódios na nova historiografia, como as análises de Silvia Arango das arquiteturas latino-americanas da década de 1940, os estudos de Ruth Verde Zein sobre a arquitetura pós-Brasília e os trabalhos de Carlos Eduardo Comas sobre o significado da obra de Lucio Costa”.*

As contradições da teoria do regionalismo crítico residem no fato de que quando “um único estilo regional é implícito ou imposto às vezes de dentro, mas geralmente de fora da região (...) mais do que impor fórmulas sobre eles, nós deveríamos compreender melhor a riqueza do discurso interno local na sua grande amplitude e complexidade (...) Quando uma imagem de um indivíduo é projetada na nação (...) como uma arquitetura de resistência, ela pode ser muito bem vista hoje como uma arquitetura a que se deva resistir.”⁸ Keith L. Eggner (2002).

Na historiografia da arquitetura sobre a América Latina, *“a falta de integração resulta em capítulos acrescidos, (...) como se obras, projetos, ou ideias geradas na América Latina, são fossem parte dos desenvolvimentos gerais da arquitetura moderna”* (LIERNUR, 2015). No Brasil, *“O hábito analítico da historiografia da arquitetura nacional é o de considerar nacional a produção paulista e carioca; e as demais periféricas, de centros menores, como modernidades regionais.”* (Marques; Naslavsky,2009).

No contexto brasileiro paradoxalmente a arquitetura do Sudeste é considerada nacional ao passo que os demais são rotulados modernismos regionais” (MARQUES & NASLAVSKY,2009).

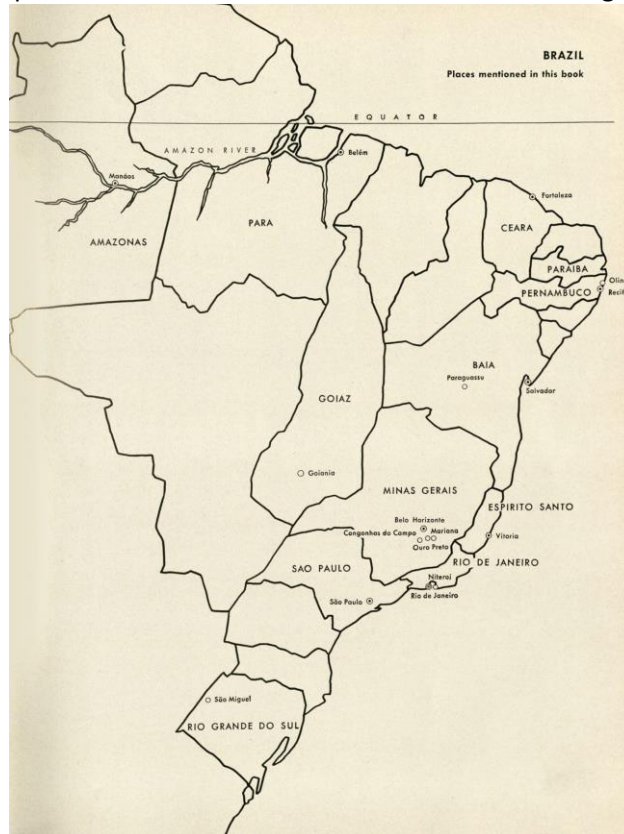
Essa estratégia para situar a arquitetura do Nordeste permanece na historiografia de arquitetura brasileira sobretudo a partir das amplas coletâneas nacionais que refletem sobretudo ideias gestadas a partir dos anos 50 quando, uma vez consolidados o nacionalismo, tratava-se de manter a hegemonia da escola carioca/paulista e enfatizar as diferenças regionais.

Os textos Bruand (1981), Segawa (1999), Bastos e Zein (2011), que se dedicam a historiografar todo o país, restringem a atuação do Nordeste, especificamente, como também as manifestações arquitetônicas de outras regiões de forma geral. Na realidade dedicam-se ao Sudeste, (Rio e São Paulo) excluindo ricas produções. Efetivamente trata-se de um jogo de alteridade.

Surpreendente ainda é ver a arquitetura do Nordeste, como as obras de Luiz Nunes que estiveram presentes no Catálogo de *Brazil Builds* do MoMA (GOODWIN, 1943) (fig. 01), terem desaparecido na recente exposição do mesmo MoMA *Latin America in Construction* (2015) (fig.02).

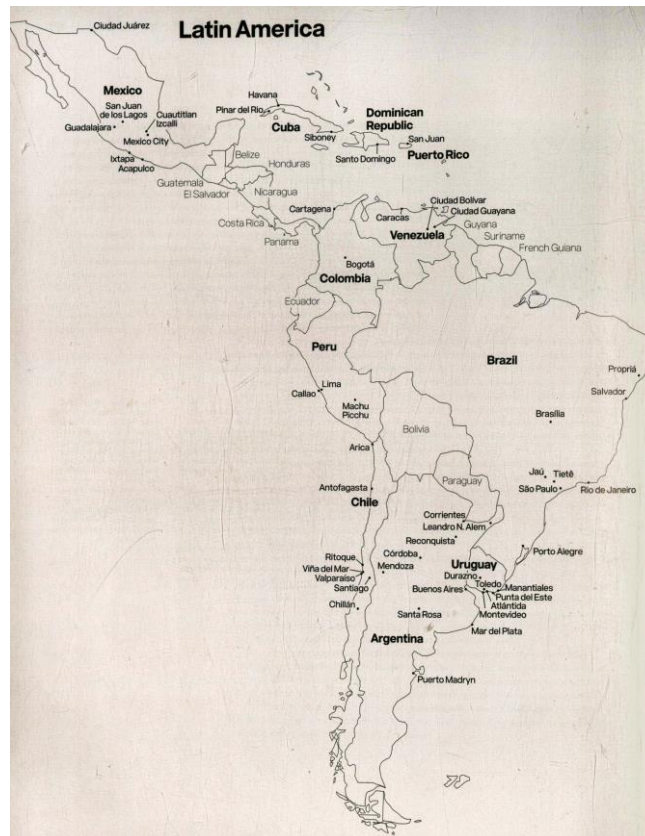
⁸ Do original em inglês “a single correct regional style was implied, or imposed, sometimes from inside, more often from outside “the region.” (...) rather than imposing formulas upon them, we might come to understand better the richness of internal, local discourses in their full range and complexity. (...) When one individual’s image of identity is projected onto the nation, (...) as an architecture of resistance, it might very well be seen today as an architecture to resist.”

Figura 01-Mapa do Brasil com os locais mencionados no catálogo *Brazil Builds*.



Fonte: Goodwin, Smith, 1943.

Figura 02-Mapa da América Latina com a localização das obras presentes na exposição.



Fonte: Bergdoll; Comas; Liernur; Del Real 2015:90.

Embora Recife e Olinda estivessem presentes no famoso Catálogo do MoMA, *Brazil Builds* (GOODWIN, 1943) (fig. 01); na recente mostra, *Latin America in Construction* (2015) (fig.02) do mesmo museu, um vazio tomou conta da região- paradoxalmente nesses 72 anos que separam as duas mostras (1943-2015) há um significativo incremento no número de registros documentais sobre as arquiteturas não só do Nordeste, mas de todo o território nacional.

A ideia de Nordeste e o regionalismo como estrutura teórico-metodológica tem sido utilizado no jogo de alteridade; seja em relação à América Latina (Otocentrismo segundo Lara, 2015) ou ao Nordeste. É preciso rever a historiografia numa nova perspectiva visando à liberação das amarras do Sudeste, e como parte integrante do desenvolvimento geral da história arquitetura moderna na América Latina e permitindo que a arquitetura moderna no Nordeste possa ganhar sua própria significância. Afastando-se das recorrências historiográficas que identificam a região como o outro, a terra de ninguém, o quintal do Brasil. Como afirmou, Albuquerque Jr. (2009), precisamos *com arte inventar outros Nordestes, que signifiquem a supressão das clausuras desta grande prisão que são as fronteiras*.

AGRADECIMENTOS

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –
Bolsista Capes Processo BEX0073/15-6.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz. *A invenção do nordeste e outras artes*; pref. Margareth Rago- 4 ed.rev.-São Paulo: Cortez, 2009.

BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. *Brasil. Arquiteturas após 1950*. São Paulo, Perspectiva, 2011.

BERGDOLL, Barry; COMAS, Carlos Eduardo; LIERNUR, Jorge F.; DEL REAL, Patricio. *Latin America in Construction: Architecture 1955-1980*. NY: MoMA, NY. 2015.

BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

BOTZ-BRONSTEIN, Thorstein. *Transcultural Architecture: the limits and opportunities of critical regionalism*. Surrey/Burlington: Ashgate, 2015. BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

BURKE, Peter and PALLARES-BURKE, Maria Lúcia G. *Gilberto Freyre: Social Theory in the Tropics*. Peter Lang (2008) 261pp.

CARRANZA, L & LARA, F. *Modern Architecture in Latin America: Art, Technology and Utopia*, (with Luis Carranza) Austin: University of Texas Press, 2015.

CANIZARO, Vicent B. (ed.) *Architectural Regionalism Collected Writings on Place, Identity, Modernity and Tradition*. New York: Princeton Architectural Press, 2007.

COMAS, Carlos Eduardo. *Latin American in Construction 1955-1980, The Poetics on Development: Notes on Two Brazilian Schools*. NY: MOMA, 2015. Pp.40-67.

EGGENER, Keith (2002) *Placing resistance: A critique of Critical Regionalism* in: *Architectural Regionalism Collected Writings on Place, Identity, Modernity and Tradition*. In: CANIZARO, Vicent B. (ed.) New York: Princeton Architectural Press, 2007. pp.395-407.

GASPAR, Lúcia. Gilberto Freyre.

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar./index.php?option=com_content&view=article&id=272&Itemid=1

- FICHER, Sylvia; ACAYABA, Marlene Milan. *Arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Projeto Editores Associados Ltda. 1982.
- GOODWIN, Philip L. *Brazil Builds. Architecture. New and Old. 1652-1942*. New York, MoMA, 1943.
- HERNÁNDEZ, Fernando. Dynamic Identities and the Construction of Transcultural Architectures. In: BORDEN, Iain; HERNANDEZ, Fernando; MILLINGTON, Mark. (orgs.) *Transcultural Architecture in Latin America* London: The Bartlett School, UCL, 2001.
- LARA, F. "Inhabiting the Americas", em Platform XI, Austin:UTSoA, 2015.
- LEFAIVRE, Liane; TZONIS, Alexander. *Architecture of Regionalism in the age of Globalization*, London and New York: Routledge, 2012.
- LIERNUR, Jorge. Foreword. (translated by Luis E. Carranza). In: CARRANZA, Luis E. and LARA, Fernando Luiz. *Modern Architecture in Latin America: art, technology, and utopia*. Austin: University of Texas Press, 2014. 406p.
- MARQUES, Sonia; NASLAVSKY, Guilah. Uma Escola de Delfim? In: Cadernos PPG-AU-FAUUFBA/UFBA. FAU. Ano VIII, número especial. (2009); Ana Carolina de Souza Bierrenbach, Anna Beatriz Ayroza Galvão, Juliana Cardoso Nery (org.) Salvador: PPG-AU, 2009.
- MINDLIN, Henrique. *Modern Architecture in Brazil*. Rio de Janeiro/ Amsterdam. Colibri, 1956.
- MEGANCK, Leen; VAN SANTVOORT, Linda; DE MAEYER, Jan (eds) *Regionalism and Modernity, Architecture in Western Europe 1914-1940*. Leuven: Leuven University Press, 2013.
- MUMFORD, Lewis. *South in Architecture*. New York: Da Capo Press, 1941.
- MILLINGTON, Mark, "Transculturation: taking Stock, in *Transculturation, Cities Spaces and Architecture in Latin America*, Amsterdam: Rodopi, 2005, pp. 204-233.
- NASLAVSKY, Guilah. *Modernidade Arquitetônica no Recife: arte técnica e arquitetura, 1920-1950*. (1998), 301p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, (1998).
- _____. O Nordeste na Historiografia da Arquitetura Moderna Nacional. In: *Seminário DOCOMOMO (5: 2014: Norte/Nordeste, Fortaleza) Projeto, obra, uso e memória: a intervenção no patrimônio modernista/ Clovis Ramiro Jucá Neto, Ricardo Paiva (orgs.) Fortaleza: DAU/UFC, 2014.pp:1-09*.
- O'GORMAN, Edmundo. "*The invention of America: an inquiry into the historical nature of the New World and the meaning of its history*", Bloomington: U of Indiana Press, 1961.
- SAID, Edward W., Introduction to *Orientalism*, New York: Vintage Books, 1978, 1-28.
- SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: EDUSP, 1998.224p.
- _____. Arquitetos, peregrinos, nômades e migrantes. In: SEGAWA, Hugo (ed.) *Arquiteturas no Brasil/Anos 80*. São Paulo Projeto, 1988.pp 9-13.
- STORM, Eric. 2010). *The Culture of Regionalism*. Manchester and New York: Manchester University Press, 2010.
- WAISMAN, Marina. An Architectural Theory for Latin America. In: *DESIGN BOOK REVIEW, Other Americas Contemporary Architecture and Issues in Latin America 32/33 Spring/Summer 1994*. pp.28-30.